

ANÁLISE DO ACOMPANHAMENTO DIAGNÓSTICO REALIZADO COM CRIANÇAS NO CICLO DE ALFABETIZAÇÃO EM CONTEXTO DE ENSINO REMOTO

SUÉLEN STARKE¹; PAOLA OLIVEIRA BRUNO²; DARLAN PORTO DA ROSA JÚNIOR³; GILCEANE CAETANO PORTO⁴

¹Universidade Federal de Pelotas – suelenstarke42@gmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – paola.oliveira.014@gmail.com

³Universidade Federal de Pelotas – darlanjporto@hotmail.com

⁴Universidade Federal de Pelotas – gilceanep@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente texto relata práticas pedagógicas em uma turma de alfabetização. Desenvolveu-se no âmbito do Programa Residência Pedagógica da Universidade Federal de Pelotas/UFPeL, especificamente no subprojeto da Alfabetização/Pedagogia, financiado pela CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior). Destaca-se como objetivo deste programa, promover atividades em turmas de alfabetização que buscam a integração entre docentes universitários, discentes da segunda metade do curso de Pedagogia/UFPeL e professoras preceptoras atuantes no ciclo de alfabetização em escolas públicas da cidade de Pelotas/RS.

O subprojeto Alfabetização atua em três escolas-campo. Este trabalho é descrito a partir da perspectiva de três residentes atuantes em uma turma de segundo ano do ciclo de alfabetização de uma escola pública de ensino fundamental localizada em um bairro da cidade de Pelotas/RS. O objetivo do texto é descrever o processo de acompanhamento diagnóstico e tecer algumas reflexões sobre os dados encontrados.

Os residentes têm encontrado desafios para a inserção na escola diante da situação atípica que está sendo vivenciada pelo mundo inteiro, a pandemia causada pelo coronavírus. Considerando esse momento, a escola está adotando medidas de distanciamento social e aderiu ao ensino remoto online. A interação entre professores-alunos ocorre através de uma plataforma adquirida pelo governo do estado do RS, a plataforma *Google Classroom*. Assim que ocorreu a inserção dos residentes na plataforma, pudemos dar início ao planejamento das ações na turma.

Tendo em vista a necessidade de conhecer os alunos e seu conhecimento sobre a aquisição da língua escrita, surge a proposta de realização do acompanhamento diagnóstico com a turma (SOARES, 2020). Estudos feitos por CURTO; MORILLO e TEIXIDÓ (2000) descrevem a importância da realização desse conjunto de atividades feitas individualmente para que o alfabetizador conheça seus alunos. Desse modo, compreende-se o diagnóstico dos conhecimentos das crianças acerca da leitura e da escrita como ferramenta fundamental para conhecer o que as crianças já sabem no início do ano letivo e acompanhar seu progresso durante as aulas.

Sobre isso, SOARES (2020) nos diz que: “esse acompanhamento se faz orientado por diagnósticos, pela identificação de dificuldades durante o processo de aprendizagem ou de ensino a fim de intervir e orientar [...]” (p. 309). Nesse sentido, a proposta de diagnóstico foi realizada com o interesse de, através dos

dados obtidos, estipular objetivos e metas para a turma, assim como apresentar uma sequência didática adaptada às necessidades do grupo.

2. METODOLOGIA

O primeiro passo para realizar o acompanhamento diagnóstico em contexto remoto foi entrar em contato com a família da criança e marcar um horário, nesse momento é solicitado que a criança tenha consigo uma folha/caderno e caneta para escrever. As chamadas de videoconferência foram realizadas individualmente na plataforma *Meet* utilizada pela escola. Em média, as atividades foram realizadas durante cerca de 50 minutos, entretanto, buscou-se sempre respeitar o ritmo da criança, incentivando-a a “fazer do jeito que sabe”, buscando o acolhimento em um momento de nervosismo para muitas.

Por conta do modelo de ensino remoto, as atividades foram adaptadas para que se tornassem mais próximas da realidade atual. Cabe ressaltar que o procedimento foi realizado com 17 crianças matriculadas no segundo ano do ensino fundamental.

Sendo assim, o diagnóstico estruturou-se da seguinte forma:

1ª tarefa: escrita do próprio nome, incentivando que a criança escreva da forma que sabe.

2ª tarefa: escrita de quatro palavras e uma frase. Para a escolha das palavras ditadas é preciso atentar aos seguintes detalhes: todas as palavras devem pertencer ao mesmo campo semântico (animais, brinquedos, etc.) e devem conter quantidades diferentes de sílabas (monossílabo, dissílabo, trissílabo e polissílabo). A frase deve conter o nome da criança e a palavra dissílabo ditada. As palavras escolhidas foram: Boi, Gato, Cachorro e Tartaruga; e a frase escolhida foi: [nome da criança] gosta de gato. Após a escrita de cada palavra é pedido que a criança leia o que escreveu. (CURTO; MORILLO; e TEIXIDÓ, 2000)

3ª tarefa: escrita de letras do alfabeto; pede-se que a criança escreva todas as letras que conhece;

4ª tarefa: associação dos sons iniciais das palavras com as letras do alfabeto; apresenta-se as letras do alfabeto, uma a uma, perguntando o nome da letra e uma palavra que inicie com essa letra.

Ao final de cada atividade, foi realizada uma análise qualitativa das observações feitas durante a entrevista com a criança. Foram observados aspectos relacionados ao tempo que a criança precisou para responder à questão, o ambiente em que a criança vive, além da interferência dos familiares no processo de avaliação.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Seguindo a teoria da psicogênese da língua escrita (FERREIRO e TEBEROSKY, 1979), concebemos a escrita alfabética como um sistema notacional, composto por diferentes níveis de compreensão do sistema de escrita alfabética. A partir dos estudos realizados, encontramos alguns resultados referentes ao nível de compreensão do sistema de escrita alfabética. A questão fundamental para definir o nível que a criança se encontra no momento é entender duas questões: o quê as letras representam e como as letras criam representações (MORAIS, 2012).

No momento da realização dos diagnósticos, período referente ao mês de abril de 2021, segundo os estudos de MORAIS (2012), destacamos os seguintes níveis encontrados:

a) Em um nível inicial de conceitualização da escrita, denominado pré-silábico 2, identificamos que oito crianças ainda não haviam descoberto o que a escrita nota (a pauta sonora) e variam a forma de representações, usando diferentes letras e em combinações distintas. Outra característica marcante dessa fase é o realismo nominal, divulgado por CARRAHER e REGO (1981) em que o aprendiz entende que a palavra possui relação direta e proporcional com o tamanho do seu objeto de referência.

b) Já em uma fase mais avançada da compreensão de escrita, encontra-se a fase silábica, observada na escrita de três crianças em situações que busca estabelecer relação entre o que escreveu e a forma que está lendo, escandindo sílabas para alcançar o mesmo número de letras escritas, mas o grande salto evolutivo acontece quando a criança passa a representar cada sílaba oral por uma letra ou sinal gráfico, com valor sonoro ou sem (MORAIS, 2012).

c) No período de transição entre o nível silábico e o alfabético, existe uma fase denominada silábico-alfabética. Duas crianças demonstraram que “em lugar de achar que se escreve colocando uma letra para cada sílaba, descobre que é preciso ‘pôr mais letras’” (MORAIS, 2012, p. 62).

d) Ao atingir a apropriação do sistema de escrita alfabética, as questões referentes ao o que e como a escrita representa já estão resolvidas. (MORAIS, 2012). Entretanto, erros ortográficos ainda aparecem e são comuns às escritas de quatro crianças.

Ainda em relação a coleta de dados, pode-se dizer que os resultados não são 100% conclusivos, visto que houve interferência familiar nas respostas dadas por algumas crianças. O mais indicado para que sejam realizados os diagnósticos é que a criança esteja focada, em um ambiente silencioso, que esteja sozinha com o entrevistador e tenha uma folha de papel em branco e sem pauta para que possamos analisar o direcionamento da escrita na folha. Entretanto, a pandemia limitou o controle que tínhamos sobre esses fatores.

“Se olharmos historicamente, o fracasso em alfabetização tem sido uma constante na educação pública brasileira.” (SOARES, 2020, p. 9). Os dados coletados reafirmam essa colocação da pesquisadora, ainda mais se levarmos em conta que “[...] o fracasso em alfabetização e letramento encontra-se nas escolas públicas, onde estão as crianças das camadas populares, exatamente aquelas que mais dependem da educação [...]” (SOARES, 2020, p. 12). Essa problemática nos leva a tentar entender o acesso das famílias à materiais de leitura e escrita que, historicamente, é precário nas classes populares, mas que pode ter sido agravado pela situação pandêmica vivenciada.

Portanto, devemos considerar este momento atípico vivenciado desde março de 2020, a pandemia causada pelo Covid-19. Ao pensar nas respostas das crianças, levantamos as seguintes reflexões: a) são crianças que não tiveram oportunidades de contato com a cultura escrita dentro da instituição escolar, desconsiderando o período de Educação Infantil; b) durante o ano de 2020, a escola ofertou o ensino remoto, mas este foi acessado por uma minoria somente; c) nem todas as famílias possuem condições de acesso adequadas para que suas crianças acessem as aulas; dentre outras questões relevantes aos nossos estudos.

Entretanto, nos apoiamos na ideia defendida por SOARES (2020) de que “toda criança pode aprender a ler e a escrever”. Desse modo, no decorrer das

aulas lecionadas em um momento posterior ao da realização do diagnóstico, buscamos proporcionar experiências lúdicas sobre a cultura escrita, que incentivem a reflexão sobre a sonoridade da língua e promova a apropriação do sistema de escrita alfabética.

Portanto, destacamos que o trabalho em sala de aula ainda está em andamento e será realizado um novo acompanhamento para percebermos com mais clareza quais foram os avanços obtidos nessa turma de segundo ano do ciclo de alfabetização.

4. CONCLUSÕES

Diante das reflexões e dados analisados, pode-se concluir que o texto apresenta uma importante análise sobre uma turma de segundo ano de uma escola pública atendida pelo Programa Residência Pedagógica da Pedagogia. É preciso considerar que o aprendizado das crianças pequenas sofreu impactos fortes com a pandemia, mas que essa condição não é irreversível.

Adotando práticas pedagógicas que levem em conta o aprendiz como centro do processo de aprendizagem e considerando seus conhecimentos prévios observados a partir do acompanhamento diagnóstico é possível que o professor alfabetizador elabore sequências de atividades que promovam a apropriação do sistema de escrita alfabético.

Por fim, reiteramos que sim, mesmo com todas as adversidades do contexto, é possível realizar o acompanhamento no ensino remoto, essa ação permite uma maior aproximação das crianças e das famílias com a escola. Para propor atividades que levem a criança a compreender o sistema de escrita alfabético e, consequentemente, para alfabetizar, precisamos saber o que as crianças pensam.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARRAHER, T. N.; REGO, L. L. B. **O realismo nominal como obstáculo na aprendizagem de leitura**. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 39, p. 3-10, 1981.

CURTO, Lluís Maruny; MORILLO, Maribel M. & TEIXIDÓ, Manuel M. **Escrever e ler** - Volume I e II, Porto Alegre. Artmed, 2000;

FERREIRO, E.; TEBEROSKY, A. **Psicogênese da língua escrita**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

MORAIS, A. G. **Sistema de escrita alfabética**. São Paulo: Melhoramentos, 2012.

NEMIROVSKY, Miriam. **O ensino da linguagem escrita**. Porto Alegre, Artmed, 2002.

SORAES, Magda. **Alfaletrar**: toda criança pode aprender a ler a escrever. São Paulo: Contexto, 2020.